

# RACISMO, INTERSECCIONALIDADE E SAÚDE MENTAL: PELA CONSTITUIÇÃO DE UMA PSICOLOGIA ANTIRRACISTA E ANTIMANICOMIAL

*Racism, intersectionality, and mental health: For establishing a psychology antiracist and anti-asylum*

GIMENEZ, Caroline Stefanie Santos<sup>1</sup>; DA COSTA, Giovanna Rocha Santana<sup>1</sup>; DE ANGELIS, Isadora<sup>1</sup>; DA SILVA, Guilherme Augusto Duarte<sup>2</sup>

## Resumo

Este artigo apresenta como tema o sofrimento psíquico da população negra em decorrência do racismo e das desigualdades socioeconômicas. Sendo assim, correlacionando o compromisso ético-político dos profissionais da Psicologia no debate da interseccionalidade no âmbito da Saúde Mental na sociedade contemporânea brasileira. Por efeito da escassez de produção teórica que referencia a atuação da Psicologia neste contexto, objetiva-se compreender a responsabilidade social em não perpetuar práticas racistas, manicomiais e aporofóbicas. O estudo foi pautado na análise de dados dos conteúdos de plataformas digitais, como vídeos do Youtube, TikTok, podcasts do Spotify e notícias de jornais nacionais, que abordam a temática racial e de Saúde Mental, através de uma pesquisa documental. Acredita-se que o apontamento para o debate diante de uma cultura político-efetiva racista, das camadas estruturais das desigualdades, possa fomentar reflexões, além de tornar notório a necessidade da responsabilização da sociedade, para que haja uma reparação histórica e que a omissão que ocorre seja questionada.

**Palavras-chave:** Racismo; Saúde Mental; Interseccionalidade; Psicologia.

## Abstract

This project introduces as a theme the psychic suffering of the black population due to racism and socioeconomic disparities. Therefore, correlating the ethic-political duty of psychology professionals in the debate of intersectionality in the scope of mental health in contemporary Brazilian society. Due to the scarcity of theoretical production that references the role of Psychology in this context, the goal is to comprehend the social responsibility not to perpetuate racist, asylum, and aporophobic practices. The paper will be based on the analysis of data from digital platforms content like Youtube videos,

---

<sup>1</sup> Graduandas de psicologia – Centro Universitário de Várzea Grande, VÁRZEA GRANDE/MT.

<sup>2</sup> Professor do departamento de Saúde – Centro Universitário de Várzea Grande, VÁRZEA GRANDE/MT

TikTok, Spotify's podcasts, and national news channels, that approach the racial and mental health theme, through documentary research. It is assumed that focusing on the debate in front of a racist political-effective culture, in the layers of systemic inequalities, could foment reflections and even make notorious the necessity of society to take responsibility, so there can be a historical reparation and that the omission that occurs to be questioned.

**Keywords:** Racism; Mental health; Intersectionality; Psychology.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo aborda o sofrimento psíquico da população negra em contextos de vulnerabilidade social, e, concomitantemente, sobre como a Psicologia perpetuou práticas diante do racismo estrutural. Junto a todas as problemáticas envolvidas nas consequências da exclusão socioeconômica e racial, também se faz necessário pensar o compromisso da Psicologia dentro do âmbito da Saúde Mental da população brasileira. Nesse aspecto, Conselho Federal De Psicologia (2017) disserta que o racismo é uma ideologia pautada na presunção de que existem raças superiores e inferiores, tratando-se de conceituação de abrangência ampla, complexa, sistêmica, violenta, que penetra e participa da cultura, da política, da economia e da ética, isto é, da vida subjetiva, social e institucional da sociedade e funciona como estratégia de dominação que estrutura a nação.

Para Jesus (2023) é preciso realçar a importância da camada (inter) subjetiva do racismo, que envolve sentimentos e condutas-ações que são moldadas por relações raciais que compõem e são reproduzidas na interação indivíduo e sociedade, a partir dos processos de subjetivação e de socialização que constituem os indivíduos. Isto envolve a compreensão de que os costumes, normas sociais, hábitos, comportamentos e modos de pensar são bases culturais do racismo. Em síntese, nesta pesquisa iremos debruçar principalmente sobre a temática racial, mas sem desconsiderar que ela deve ser pensada em conjunto com a temática das desigualdades socioeconômicas, isto é, a interseccionalidade entre classe e raça.

Gonzales (2020) faz uma analogia à análise de Frantz Fanon e Alberto Memmi quanto a Psicologia do colonizado em relação ao colonizador, revelando o modo que a categoria do sujeito-suposto-saber engrandece a compreensão dos mecanismos psíquicos que pautam a superioridade que o colonizado atribui o colonizador. Ao estabelecer em uma sociedade a Ideologia do branqueamento e o

mito da superioridade branca, há a uma indução à fragmentação da identidade étnica produzida por brancos, trazendo a internalização do desejo de embranquecer, gerando como consequência negação da própria raça e cultura.

Desse modo, com a expansão do colonialismo europeu, algumas classificações foram impostas à população do mundo. Desde então, tem atravessado todas e cada uma das áreas da vida social, sendo assim, uma forma muito efetiva de dominação social, tanto material como intersubjetiva (Lugones, 2020).

Nesse sentido, Benedito (2018) afirma que a pobreza e o racismo possuem uma relação intrínseca com as desigualdades sociais, considerando que metade da população brasileira é negra e grande parte é pobre, e através disso, no cotidiano, se dá a segregação de serviços que são usufruídos, direitos sociais e econômicos, e não somente nas relações. Além disso, na sociedade brasileira, há uma falsa prerrogativa de que todos os indivíduos são iguais perante a lei, assumindo um caráter formalista, todavia o racismo é suficiente para manter negros na condição de segmentos subordinados no interior das classes mais exploradas (Gonzales, 2020).

De acordo com Félix-Silva et al. (2022), o curso de Psicologia e outros cursos da área da saúde acabam por realizar uma formação voltada à produção de subjetividade colonial-capitalística, pois o conteúdo trazido geralmente é reduzido a algo alheio às questões étnico-raciais, sociais e econômicas, negligenciando as inúmeras experiências que sucumbem a toda e qualquer violência racista, causando uma desvalorização de narrativas que são atravessadas por séculos de silenciamento e violência. Ainda nessa discussão, descreve a cartilha “Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os” de 2017 do Conselho Federal De Psicologia:

O racismo é um dos principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas que há no Brasil. Ele orienta modos de perceber, agir, interagir e pensar e tem função social específica: a estratificação racial e a perpetuação do privilégio do grupo racial branco, ou seja, por meio de processos econômicos, culturais, políticos e psicológicos, os brancos progridem à custa da população negra (CFP, 2017, p. 26).

Considerando as nuances do compromisso atual da Psicologia, é necessário que as discussões da classe profissional abordem a consciência de classe e raça. O CFP (2017), afirma que anteriormente a Psicologia chegou a produzir conhecimento que legitimasse o racismo, validando cientificamente estereótipos infundados por meio de teorias eurocêntricas discriminatórias, inclusive por tomar por

padrão para pensar a atuação uma realidade que não contempla a diversidade brasileira. Nesse sentido, para Rosa e Alves (2021), a desvalorização e ataque a corpos negros incidem diretamente na construção de um autoconceito negativo sobre si mesmo, e este atravessamento na consciência de identidade provoca processos de desorganização psíquica e emocional, provocados pelo rebaixamento de autoestima gerado pelas exposições recorrentes a cenários constrangedores, e estressores.

Dessa forma, faz-se necessário romper com a ideia de que se abster de discriminar é o suficiente, visto que, as discriminações generalizadas nos acompanham há séculos (CFP, 2017). Para Melsert (2015), assimilar que as desigualdades socioeconômicas brasileiras se trata de um fenômeno social complexo, demanda observar a dimensão objetiva, além do funcionamento da distribuição concreta de riquezas em nossa sociedade, para vislumbrar sua dimensão subjetiva para compreender as fontes de sofrimento que atravessam a demanda da população vulnerável.

No que se refere à discussão do sofrimento psíquico, Damasceno e Zanello (2018) tratam de aspectos históricos dessas desigualdades no âmbito da Saúde Mental, no final do século XIX com a prática alienista, psiquiatras brasileiros construíram uma relação entre doença mental, e raças que eram consideradas inferiores, conseqüentemente as concepções eugenistas justificavam, ou nem consideravam, o sofrimento psíquico do negro, uma vez que ele seria inevitável, pois estavam destinados por sua genética à degeneração e à loucura. Em razão disso, é necessário pontuarmos que o sofrimento de minorias raciais e étnicas permaneceu silencioso e alheio no processo de construção do conhecimento das ciências humanas, incluindo a psicologia que tem um longo histórico de ausência diante desse cenário.

Benedito (2018) disserta que, em defesa da eugenia, os negros foram excluídos e confinados nos hospitais psiquiátricos, sujeitos a altos índices de mortalidade sob pretexto de uma higienização mental, sendo a lógica de exclusão pautada em isolar e punir aqueles que estavam fora do conceito de “normalidade”. Além disso, retomar aspectos da reforma psiquiátrica no Brasil é de relevância para compreender a correlação do racismo com questões de saúde mental. Nesse sentido, Molina e James (2016), ao realizarem uma análise de negros caribenhos e americanos constataram que pessoas que foram expostas ao preconceito racial

apresentam maior probabilidade de desenvolver problemas psíquicos, como depressão.

De acordo com Munanga (2003), vítimas de preconceito racial e discriminação ainda recebem pouca atenção também da Psicologia clínica, e a falta de um olhar crítico para essas questões que atravessam o sofrimento psíquico de pessoas negras, por isto é de extrema relevância o olhar dos profissionais da psicologia para esta problemática.

No âmbito social, a relevância desta pesquisa para a população negra será na medida em que poderemos dar visibilidade à presença de sujeitos que não são mera consequência da realidade social desigual, mas que a constituem, sendo ao mesmo tempo por ela constituídos (Melsert, 2013). As ferramentas para romper com essas práticas ganham notoriedade através do levantamento do debate que esta pesquisa visa fomentar, além da reflexão acerca da interseccionalidade da vulnerabilidade social e as práticas racistas da sociedade brasileira.

No campo científico, esta pesquisa promove a reflexão e discussão das causas estruturais e efeitos psíquicos e emocionais das problemáticas dos preconceitos, perpetuando a discussão para o âmbito da formação em Psicologia. Desta forma, resistindo e persistindo em desfazer a lógica do silenciamento, subalternização e invisibilidade do racismo refletido nas práticas e ações dos Psicólogos, pois a construções de pensamentos com senso crítico por parte dos estudantes de Psicologia sobre a ausência de políticas públicas no contexto destas problemáticas reafirmam o compromisso da classe profissional para promoção de uma reparação.

Para elaboração deste artigo, foi considerado o pressuposto de que a intersecção entre raça e classe permite analisar os importantes aspectos que compõem as relações de poder, pois se tratam de categorias que funcionam de maneira unificada e se influenciam mutuamente. Essas relações interseccionais de poder afetam todas as dimensões do convívio social, por isso é necessário lançar luz sobre os efeitos diferenciais das políticas públicas na produção de desigualdade econômica, e a maneira que produzem vulnerabilidade para pessoas negras, corroborando com a produção de adoecimento psíquico, enquanto outros grupos ignoram seu compromisso com a justiça social, e se beneficiam desproporcionalmente das desigualdades. Além disso, este artigo analisa a possibilidade do papel de

reparação da Psicologia nos contextos em que está inserida, considerando seu compromisso ético e crítico dentro dos espaços de atuação na rede de Saúde Mental.

É nessa direção que problematizamos nesta pesquisa: qual o compromisso ético-político da Psicologia diante do sofrimento psíquico da população negra, em decorrência do racismo e das desigualdades socioeconômicas, culturais e sociais no Brasil contemporâneo?

Compreender o compromisso ético da atuação da Psicologia nos contextos sociais, econômicos e raciais no Brasil.

1. Discutir a banalização do sofrimento psíquico da população negra diante de situações cotidianas de violência perpetuadas pela lógica do racismo;
2. Descrever os impactos do compromisso ético da Psicologia, e dos profissionais da classe diante das desigualdades no Brasil;
3. Interseccionalizar a classe e raça, que está majoritariamente atrelada à vulnerabilidade social e o sofrimento psíquico.

## **2. MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de cunho exploratório-explicativo, que foi realizada no período de março a novembro de 2023, e constituída por dados coletados a partir de uma pesquisa documental realizadas pelas plataformas digitais Youtube, Spotify e portais de notícia por meio de vídeos, podcasts e reportagens que abordem a interseccionalidade entre a temática racial, desigualdades sociais e saúde mental.

O referencial teórico-metodológico do presente trabalho é fundamentado a partir de um pensamento crítico sobre a correlação da Psicologia, das consequências psíquicas diante de uma estrutura social racista e aporofóbica, para compreender qual o compromisso ético político diante de tais problemáticas sociais. Trata-se de um estudo qualitativo, pois, segundo Richardson (2012), este método é ideal para situações em que se evidencia a relevância de uma abordagem que compreende aspectos psicológicos da problemática, este tipo de pesquisa busca as origens de atitudes, motivações, expectativas, valores, culturais e políticos de uma sociedade, além das influências históricas que fomentaram a construção de um imaginário social em que pretos e pobres são marginalizados, e o sofrimento psíquico.

Refere-se a uma pesquisa explicativa e exploratória onde foi realizada uma análise mais aprofundada e complexa sobre o assunto. Segundo Gil (2002), as pesquisas explicativas nas ciências naturais valem-se quase exclusivamente do método experimental. Portanto, através deste trabalho, iremos buscar testar hipóteses para a problemática envolvida. Nesse sentido, também foram realizadas as pesquisas exploratórias, que de acordo com Gil (2002), tem como objetivo tornar o problema mais explícito e constituir hipóteses, aprimorando as ideias. Nas pesquisas exploratórias, como o planejamento é mais flexível, ele possibilita os mais variados aspectos relativos ao tema que está sendo estudado. O presente trabalho envolve o levantamento bibliográfico, e análise de exemplos que estimulem a compreensão (Sellitz, et al., 1967, p. 63).

Além disso, realizar-se-á pesquisa documental, sendo considerada fonte primária, para Richardson (2012) é classificada como ideal quando há objetivo básico da análise dos fenômenos sociais. Neste sentido, este artigo irá realizar a análise dos conteúdos virtuais, em forma de Podcasts do CFP, os quais estão disponíveis na plataforma Spotify e fazem parte da campanha "Racismo é coisa da minha cabeça ou da sua?", são recursos elaborados em conjunto com a Comissão de Direitos Humanos (CDH/CFP). Estes episódios são de grande relevância para este artigo, pois pretende dialogar tanto com a categoria de profissionais da Psicologia, como com a sociedade questões como racismo, branquitude, negritude, violência, saúde mental, políticas públicas, entre outros, visando promover ampla reflexão acerca dessas questões.

Também foram utilizados vídeos da plataforma Youtube e TikTok, além de notícias de sites de jornais nacionais brasileiros, que mostram pessoas negras documentando e relatando que foram vítimas de racismo em situações cotidianas, tais elucidações permitem ilustrar com casos reais o dilaceramento psíquico como consequência da saúde mental, e de que forma está sendo reproduzido e banalizados em nossa sociedade. O artigo pauta-se com embasamento na Lei 9.610/98 do Domínio Público, que rege o princípio dos direitos autorais de quem colabora com a pesquisa, das quais fazem participação, Este referencial baseado na lei afirma que pesquisas acadêmicas que integram materiais expostos na internet, e de livre acesso aos usuários não necessitam de submissão no Comitê de Ética de Pesquisa envolvendo seres humanos (Spink et al, 2014).

Estes materiais criativos foram correlacionados com o debate da negligência dos profissionais da psicologia, e de que forma corroboram para internalização deste preconceito estrutural.

Para a elaboração desta pesquisa documental, foram selecionados podcasts compostos pelos seguintes critérios de inclusão: Podcasts presentes na plataforma Spotify, que incluem profissionais da Psicologia e debates sobre a temática racial. Além disso, foram considerados vídeos do TikTok, Youtube e notícias da plataforma G1, Brasil de Fato, Terra, BBC NEWS, CNN, Jornal da USP dos períodos de 2006 a 2023 que retratam casos reais de racismo.

Outrossim, no que refere-se aos critérios de exclusão, foram considerados: vídeos com duração maior há 20 minutos, podcasts que não sejam de profissionais da Psicologia e notícias que abordam o racismo de maneira secundária.

Para analisar os dados desta pesquisa, após considerar os critérios de inclusão e exclusão descritos acima, a seleção dos materiais foi feita através de uma categorização das temáticas envolvendo a problemática, isto é, inicialmente cinco notícias foram analisadas que demonstram as diversas esferas que são afetadas cotidianamente pelo racismo, exemplificando de que modo acontece em instituições médicas, na rede de Saúde Mental, nas escolas, nas práticas que exemplificam o compromisso do Estado frente a responsabilidades com moradias, e no futebol. Igualmente, a categorização de dois podcasts foi pelos canais do Conselho Federal de Psicologia, que são falas dos profissionais da classe para analisar qual a ótica do compromisso ético dos Psicólogos, e por fim, os três vídeos são para correlacionar tais aspectos com o sofrimento psíquico das pessoas negras.

### **3. RESULTADOS**

No decorrer do período de busca por materiais documentais para elaboração do presente estudo, foram selecionados, através da pesquisa pelas palavras-chave Racismo e Saúde-Mental, um total de dez, conteúdos, sendo eles vídeos, notícias e Podcast que abordem aspectos psicológicos do racismo, além da desigualdade social na sociedade brasileira, especificamente. Diante disso, alguns materiais encaixaram-se nos critérios de inclusão estabelecidos, conforme apresentado no quadro 01, a seguir.

**Quadro 01** - Quantidade de conteúdo selecionado por categoria.

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade de Material Documental</b>	<b>Fontes</b>
Podcasts Compromisso Ético dos Profissionais	2	Spotify
Vídeos sobre casos que relatam racismo no Brasil	3	Tiktok Youtube
Notícias e Reportagens que registram racismo no Brasil	5	Jornal Usp G1 BBC News Portal Terra Brasil de Fato CNN

A coleta do material objetivou demonstrar as diversas áreas que reproduzem o preconceito de classe e raça, e de que modo geram sofrimento psíquico às vítimas da violência. Além disso, preocupou-se em demonstrar qual o debate atual do compromisso ético da classe profissional da psicologia sobre a problemática estrutural.

**Qr Code 1** - Denúncia de um caso de racismo recente, ocorrido dentro da UTI de um hospital privado na zona sul de São Paulo, 2023.



FONTES: Notícia Jornal USP, 10 de julho de 2023.

O caso apresentado na Figura 1 trata-se de um relato, no Brasil no ano de 2023, na UTI de um hospital privado na zona sul de São Paulo, local onde uma paciente esteve internada com princípio de pneumonia. A paciente denunciou o ocorrido pois teria se sentido desconfortável com a expressão "carta de alforria"

proferida pelo médico. Relata ainda que o responsável, ao retornar para desculpar pelo comentário, teria alegado que seria uma brincadeira, a paciente teria respondido que este assunto não deveria ser pauta de piadas, ouviu outra expressão do médico que a desqualificava, "até que você argumenta bem". A família da vítima procurou a ouvidoria do hospital para denunciar o ocorrido, e alega não ter tido uma resposta satisfatória. A paciente afirmou na notícia que se sentiu desrespeitada, e com a percepção de não ter recebido o cuidado adequado para seu quadro de saúde.

**Qr Code 2-** Ministro da Saúde admite correlação de falhas no SUS com racismo, 2006.



FONTE: G1, 26 de outubro de 2006.

Nesta notícia, publicada pelo site do G1, no dia 26 de outubro de 2006, o Ministro da Saúde, Agenor Álvares, admitiu que houvesse racismo no atendimento a negros no Sistema Único de Saúde. Ele discorre sobre como os atendimentos são negligenciados muitas vezes pelos profissionais que trabalham na rede, e assume falhas que acontecem nesses atendimentos. Afirma-se que militantes do movimento negro comemoraram a postura do Ministério da Saúde, em assumir tal problemática na área da saúde e dizem que o SUS foi criado para servir o cidadão, mas na verdade serve de acordo com a classe social, a cor.

**Qr Code 3 -** Homenagem ao trabalho, e reconhecimento das contribuições do psiquiatra, cientista e professor baiano Juliano Moreira, 2021.



FONTE: BBC NEWS, 06 de janeiro de 2021.

A notícia abordada na figura acima é sobre a história de Juliano Moreira, que atuou como professor de psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), participou da direção do Hospital Psiquiátrico Nacional de Alienados, no Rio de Janeiro e foi um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Psiquiatria, Neurologia e Medicina legal e da Academia Brasileira de

Ciências, da qual foi presidente. A notícia faz uma crítica social a maneira como apesar de suas inúmeras contribuições positivas para o âmbito da Psiquiatria, ele e outros estudiosos negros relevantes na história do Brasil, são desconsiderados dos estudos acadêmicos, demonstrando como a desigualdade racial é perpetuada no âmbito da educação e do conhecimento.

**Qr Code 4** - Negligência de direitos e omissão do cuidado com pessoas em situação de rua, 2023.



FONTE: Portal Terra, 21 de junho de 2023.

Essa notícia retirada do site Terra, no dia 21 de junho de 2023, discorre sobre o fato da maioria de pessoas em situação de rua serem negras, trazendo dados do IBGE, e das Secretarias de Assistência Social, que confirmam a alta porcentagem de pessoas negras em situação de rua. Na reportagem, o responsável pela publicação afirma que não dá para não refletir sobre se os números acima colaboram para a negligência que essas pessoas sofrem. Além disso, abordou sobre manchetes que falaram sobre a existência do “mendigo gato”, era um homem, loiro e de olhos azuis que rapidamente foi retirado da rua e alocado como subcelebridade, destacando criticamente essa diferença de tratamento. Por fim, o repórter afirmou que “Tratamento diferente de quando pensamos em pessoas negras, que já são vistas por muitos como merecedoras desse lugar e não causam comoção alguma da maioria”

**Qr Code 5** - PodCast do Conselho Federal de Psicologia via aplicativo Spotify,



FONTE: Spotify, abril de 2021.

É possível via QR CODE acima acessar "O episódio Especial CHD #Abertura- Racismo: É coisa da minha cabeça ou da sua?", trata-se de um conteúdo do Podcast produzido pela Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho

Federal de Psicologia (CDH/CFP), que tem como objetivo dialogar sobre questões como racismo, negritude, violência, saúde mental, políticas públicas, convidando a categoria profissional para os debates sobre o compromisso ético diante destas temáticas, além da busca pelo diálogo com a sociedade.

Este episódio conta com a participação de Eliane Silva Costa e Jesus Moura, duas psicologias negras que fizeram parte da CDH gestão 2020 a 2022, e relatam de que forma a o CFP tem se preocupado recentemente com a representatividade dentro da Comissão, englobando representantes de origem indígena, pessoas negras, transgênero para compartilharem sua vivência pessoal e profissional e colaborarem com o estudo dos múltiplos processos de exclusão, a relação do modo de produção socioeconômico, efeitos psicológicos e consequentemente na produção de sofrimento psíquico, além dos debates de ações concretas para intervenções de cenários de violação de direitos, em espaços públicos e privados.

Além disso, houve na campanha também premiações por produções científicas sobre a temática racial. Ainda que seja um recurso bastante novo, o PodCast demonstra a extrema relevância ao olhar para a problemática, e avança à medida que se preocupa no incentivo da classe profissional na busca pela reparação das desigualdades no Brasil como compromisso ético da Psicologia.

**Qr Code 6** - A Importância da representatividade negra no contexto escolar, 2023.



FONTE: TIK TOK, 28 de setembro de 2023.

Um vídeo da plataforma TikTok, postado no dia 28/09/2023, no Rio De Janeiro, por Elza Costa, estudante de letras e professora de Jonathas, mostra alguns recortes das falas do diálogo entre eles. Existem muitas questões interessantes que poderíamos pontuar neste vídeo, mas gostaria de destacar sobre a importância de uma professora negra, que consegue sentir a dor do seu aluno que estava sendo vítima de racismo, gerando uma identificação, fazendo com que ele conseguisse se abrir, levando-o a questionar as ofensas que ele já ouviu, e o ensinando a amar o que ele aprendeu a vida toda a odiar, a cor da sua pele, e suas características físicas.

**Qr Code 7** - A luta antimanicomial no Brasil, avanços e retrocessos e sua correlação com questões raciais, 2019.



FONTE: Brasil de fato, 18 de maio de 2019.

Através desta notícia publicada dia 18 de 2019 no jornal Brasil De Fato, por Anelize Moreira, temos acesso a algumas informações sobre os riscos que a sociedade corre, com o retrocesso de todo o esforço feito no âmbito da Saúde Mental há a mais de 30 anos pelo Movimento De Luta Antimanicomial, visto que a internação tem voltado a ser a centralidade do tratamento, que se entende por ser um caminho contrário ao processo de desospitalização feito pela Política Nacional de Saúde Mental. A lei 10.216, de 2021, extinguiu o modelo de internação compulsória e os manicômios, pelo tratamento em liberdade em uma Rede de Atenção Psicossocial. A notícia também faz uma crítica sobre as pessoas que têm sido internadas, que em sua grande maioria são pessoas negras.

**Qr Code 8** - Racismo no futebol, caso Vinicius Junior, 2023.



FONTE: CNN Brasil, 22 de maio de 2023.

Em outra notícia, publicada pelo G1 que pode ser acessada pelo QR CODE acima, há o relato sobre os ataques racistas que o jogador de futebol brasileiro Vinicius Junior sofreu na Espanha. O atacante faz parte do time Real Madrid, e estava em uma partida de futebol quando foi insultado pela torcida rival. A violência sofrida por Vinicius trouxe atenção de figuras importantes para o debate racial, "são um lembrete gritante" do racismo que ainda existe no esporte, disse o alto comissário da Organização das Nações Unidas (ONU) para os Direitos Humanos, Volker Türk. Além disso, o comissário pediu mais envolvimento de entidades organizadoras de eventos esportivos e chamou atenção sobre a necessidade de ouvir esportistas negros nas decisões importantes do futebol.

**Qr Code 9** - Mulher negra de 46 anos é resgatada de trabalho análogo à escravidão em Pato de Minas/ MG, 2020.



FONTE: TIK TOK, 2020.

A reportagem completa conta a história de uma mulher de 46 anos, que foi resgatada no Brasil no ano de 2020, o caso de trabalho análogo a escravidão e racismo foram descobertos pelos moradores do prédio onde ela trabalhava após perceberem as situações de trabalho e privação de liberdade, sendo proibida até mesmo de conversar, e ao notar inúmeras violências sofridas por ela denunciaram o caso. Na sequência, é possível acessar o QR do vídeo disponível na plataforma TikTok de um recorte da entrevista com a vítima que retrata o sofrimento psíquico em consequência do racismo vivido por ela, ao chorar afirma que teria receio de segurar na mão da repórter, pois diz que a cor das duas são diferentes, demonstrando de que modo ocorre a internalização do racismo.

**Qr Code 10** - CFPCAST - Episódio #017 da plataforma Spotify, do conselho federal de psicologia.



FONTE: Spotify, 02 de setembro de 2020.

Neste episódio do CFP CAST, que aborda o tema de Psicologia e Interseccionalidades, alguns profissionais da área discutem questões como a importância dos estudos sobre os desafios para uma educação inclusiva, a prática da Psicologia nas políticas públicas em saúde e também a atuação da categoria em temas relacionados aos povos indígenas. Esse episódio, que foi exibido em 02 de setembro de 2020, contou com a participação de Ana Sandra Fernandes (CRP 13/5496), psicóloga e, naquele momento, presidente do CFP.

O Podcast se debruça sobre a ideia de como a interseccionalidade marca a nossa existência, nossas práticas e ações, levando em consideração que é sempre necessário olhar para um conjunto de características que nos atravessam diariamente, principalmente quando falamos de desigualdades sociais, sendo assim,

para que se exista uma prática psicossocial eficaz, é imprescindível que se considere todas elas. Neste diálogo também houve a participação de Jaqueline Gomes de Jesus (CRP 05/49337), professora do IF do Rio de Janeiro, e que compunha a comissão de direitos humanos do CFP, Laureane de Lima Costa (CRP 09/11106), da Universidade Federal de Jataí, Pamela Santos (CRP 12/09, Pós Graduada em Educação Permanente em Saúde) e Nia Tuxá (CRP 20/03933), da Articulação Brasileira dos (as) indígenas Psicólogos (as).

#### **4. DISCUSSÃO**

A partir da análise dos materiais documentais analisados nos resultados, observa-se como a violência racista no Brasil é cotidiana, e está presente nos mais diversos espaços e esferas, como em escolas (demonstrada na figura 6) sendo situações não poupam sequer crianças e adolescentes negros, vivenciada nas unidades de saúde e no atendimento dos dispositivos da Rede (demonstradas nas figuras 1, 2 e 7), nas relações de trabalho (figura 9), nas ruas (como visto na notícia da figura 4), nas universidades (figura 3), e até mesmo no futebol (figura 8), e para isto houve também análises do papel dos profissionais de Saúde Mental, e seus contextos históricos (figuras 5, 7, 10). Os materiais documentais apresentados são exemplos de que modo às violências racistas e de classe, assumem caráter fundamentalista de segregação, sendo exercidas, pela impiedosa tendência a destruir a identidade do sujeito.

Fanon (2008) discorre sobre, de que modo as pessoas negras são colocadas na “zona do não ser”, em uma existência que se constrói a partir da construção de ser do homem branco. Uma ordem colonial que tenta alienar a população negra de seus direitos, como vemos nas notícias trazidas neste artigo, além da tentativa de silenciar sua voz que denuncia, sendo este “não ser” cotidianamente reificado pelo racismo que repercute na saúde mental das pessoas negras: “Que dor, estar presa/o nessa ordem colonial” (Kilomba, 2019, p. 39). A posição de Fanon permite perceber o quanto essa prática de negação da humanidade de homens e mulheres negros não apenas se restringiu aos territórios colonialmente ocupados, mas também se configurou como eixo estruturante da própria modernidade (Faustino, 2018).

Além disso, o CFP (2017), afirma que aquele que sofre a violência racista tem como consequência marcas simbólicas do ataque vivido, mesmo que as vítimas

não expressem ou nomeiem este sofrimento, sendo traumas que são vividos da ordem do inimaginável. Neste sentido, foi demonstrado através dos resultados, efeitos psicossociais em casos de racismo, no que tange ao racismo interpessoal, onde usuárias(os) negras(os) de serviços de públicos e privados de saúde recebem tratamento de menor qualidade do que usuárias(os) brancas(os), sendo representado pelas figuras 1 e 2.

Na figura 3, temos o exemplo de um Racismo Institucional, pois se trata do contexto de serviços educacionais: onde não há reconhecimento de um líder e das diversas formas de resistência negra, e conseqüentemente a não consideração deste como parte relevante do conteúdo a ser trabalhado. E casos de não reconhecimento do trabalho de pessoas negras (figura 9), em que a vítima foi inicialmente coagida a mudar-se para casa dos patrões com a falsa prerrogativa de que seria adotado pela família, fato que nunca ocorreu formalmente, sendo apenas uma afirmação para tê-la disponível o dia todo para serviços domésticos. Neste sentido, Veiga (2019) afirma que a sensação de não pertencimento ao ambiente onde se vive e a dificuldade de inclusão na dinâmica social de forma igualitária, é denominada “efeito diáspora”, este efeito coloca o sujeito no limite do sofrimento infligido a este.

A partir da análise dos materiais, de forma específica o Podcast do Conselho Federal De Psicologia; Episódio- “racismo: é coisa da minha cabeça ou da sua? ”, que contou com a participação de duas mulheres negras psicólogas que fizeram parte da comissão de direitos humanos gestão 2020-2022 do CFP: Eliane Silva Costa- coordenadora da comissão de direitos humanos; Jesus Moura- conselheira do CFP e representante do plenário na comissão.

Através do conteúdo exposto no Podcast, é possível compreender sobre a importância de toda a categoria dos profissionais de psicologia entrarem em um consenso, de que falar do racismo é algo matricial. Eliane pontua, em sua fala, a importância do debate sobre as relações étnico-raciais, pois esse tema está inteiramente ligado com o compromisso ético da psicologia, enquanto ciência e profissão, bem como a sua responsabilidade com a democracia, o sujeito, e a história do povo brasileiro, a qual é fundada pela violência racista que se perpetua ainda hoje. Segundo CFP (2017) um aspecto importante para entender mais sobre o racismo é ter em mente o conceito da branquitude, pois ambos coexistem entre si, e essa ideia falaciosa da superioridade racial branca, é histórica, estrutural e ideológica.

CFP (2017) ressalta que todos os psicólogos (as) têm o dever de trazer a temática do racismo em toda e qualquer linha teoria, e área de atuação. O Psicólogo deve promover a consciência crítica sobre o racismo, mas como fará se ele mesmo não a possui? Visto que a psicologia nos permite entender o racismo como sendo algo estrutural, subjetivo e intersubjetivo, possibilitando compreender desde o sujeito que dá continuidade a essa estrutura racista ao que se opõe a ela.

De acordo com o CFP (2017), é imprescindível discutirmos sobre os efeitos do racismo na vida da população negra, que sofrem com a humilhação social, que é geradora de um intenso sofrimento psíquico. Temos avançado muito nessa discussão, mas ainda existe muito sobre o que teorizar e debater. Cada estudante negro (a) de psicologia que se forma é uma vitória da pluralidade que há na nação brasileira, e gera maior representatividade para a população negra. E para finalizar, o papel de todo profissional da psicologia não deve ser apenas de denunciar o racismo, mas para, além disso, criar ferramentas teóricas e metodológicas para o desmantelamento do racismo.

No que se refere ao debate de interseccionalidade, é possível correlacionar com algumas das notícias expostas no presente trabalho, visto que essas problemáticas atravessam os indivíduos, principalmente se tratando a correlação entre questões raciais e de classe social, deixando revelada a diferença de oportunidades e tratamentos quando elas se relacionam. Além disso, mesmo quando estão separadas, continuam a interferir no modo em que esse sujeito é visto e tratado socialmente. No caso apresentado pela figura 8, do jogador brasileiro que foi vítima de racismo no time do Real Madrid, na Espanha, é possível analisar que mesmo sendo um jogador de futebol prestigiado, tanto em termos de recursos financeiros atuais, quanto reconhecimento por parte de seu trabalho, ocupando uma posição de superação no âmbito de classe, não se tornou imune aos ataques, pois é classificado como não merecedor de alcançar uma posição que exerça algum poder.

De acordo com Resende e Bertholdo (2023) a linguagem do racismo é universal, independente dos xingamentos serem em português, espanhol, inglês, francês ou em qualquer língua, são compreendidos na semiose da prática racista, que não demanda tradução, porque o racismo é um discurso universal, extremamente presente na sociedade, fazendo com que essa estrutura seja pertencente a muitos discursos.

Igualmente, analisando o Podcast Psicologia e Interseccionalidades, do CFPCAST- episódio #017, da plataforma do Spotify, pode-se relacionar também com a notícia publicada pelo site do Terra, em que se destaca a informação do perfil das pessoas em situação de rua, enquanto fator para a omissão do Estado na promoção e acesso de direitos, trazendo assim alguns dados levantados que nos ilustram que majoritariamente, pessoas em extrema vulnerabilidade social são negras, o que torna necessária a discussão sobre como essas características estão muito entrelaçadas na negligência da sociedade.

Neste sentido, segundo Collins (2021), as relações de poder que envolvem classe, raça e gênero, não são distintas ou excludentes, mas sim, andam de maneira unificada, e, além disso, embora muitas vezes não sejam vistas, elas afetam muitos aspectos no convívio social. Portanto, compreender que essas questões permeiam dentro da sociedade, e atravessam toda a constituição de um indivíduo e de um coletivo, é muito necessário, pois somente considerando todos os fatores que fazem com que pessoas sejam oprimidas e violentadas, podem-se pensar estratégias.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como demonstramos nesta pesquisa, o racismo apresenta diversas facetas, para elaboração e desenvolvimento deste artigo, evidencia-se, que as enormes desigualdades de classe e raça no Brasil, são fatídicas, fazendo com que o estudo acerca desse processo histórico de dominação e opressão sociais seja essencial no processo de desconstrução de práticas que reverberam tais violências.

A cartilha de Relações Raciais das Referências Técnicas para atuação de psicólogos, além podcasts do Conselho Federal de Psicologia, foram ferramentas de grande auxílio na elaboração deste estudo, pois tratam sobre representatividade, abordam os avanços recentes da classe profissional em buscar produzir conteúdos e discussões, na tentativa de propiciar reflexão sobre práticas anteriores que foram coniventes com o racismo, e convocar psicólogas (os), e até mesmo a sociedade, a intervirem nesse cenário de discriminação racial, responsabilizando-se social e politicamente acerca desse relevante problema. Constata-se, que ainda é preciso avançar na luta pelo enfrentamento, sendo uma questão estrutural que influencia nas práticas de cuidado, nas garantias de direitos, e principalmente no horizonte da saúde psíquica.

Neste sentido, o papel de compreensão desta problemática é de responsabilidade dos profissionais do âmbito da Saúde Mental, pois David e Vicentin (2021) afirmam que a vinculação entre população negra e loucura é secular no Brasil, e reconhecer os efeitos desses atrelamentos, em seus distintos contextos sociais e políticos, trata-se de uma urgência para desconstrução do estigma de crioulo doido e negra maluca, pois esta manicomização teve ao longo da história, diferentes formas de segregação. A população negra sofreu historicamente abandono e apartamento social, sendo o lugar por excelência do abandono e exclusão social o manicômio, assim como outras instituições totais (David; Vicentin, 2012). Neste sentido, os autores afirmam que atentar-se aos saberes utilizados pela Reforma Psiquiátrica Brasileira ao longo dos anos de Luta Antimanicomial é olhar para o que subsidia e autoriza o fazer das equipes de saúde mental, em especial, na esfera da saúde pública.

Por fim, é notório que a banalização do sofrimento em contextos de vulnerabilidade e desigualdades age como grande responsável pelo sofrimento psíquico e adoecimento, pois o contexto de violências possui efeito cumulativo ao longo da vida, e impactará de forma direta na Saúde Mental do sujeito. Em síntese, concluímos que urge o compromisso ético, político e social de Profissionais da Psicologia nos espaços de cuidado que estão inseridos, visando estratégias de enfrentamento e resistência nas esferas públicas e privadas, buscando uma escuta acolhedora que considere as interseccionalidades, superando os estigmas e discriminações de populações em situação de vulnerabilidade nos serviços de saúde, que permita espaços de falas daqueles que estão subalternizados, que deve reconhecer de que forma a garantia da dignidade humana influencia na Saúde Mental, dando visibilidade aos grupos menos favorecidos. Além disso, concluímos que um estudo aprofundado acerca das dinâmicas histórico-culturais da sociedade brasileira, e os preconceitos a permeiam, é indispensável para compreender que somente através de uma mudança social, e da urgência de um posicionamento é possível construir relações menos adoecedoras, e conseqüentemente pensar uma Psicologia antirracista e antimanicomial, adotando uma perspectiva decolonial da Reforma Psiquiátrica Brasileira fortalecendo o saber e o fazer de Saúde Mental.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Maioria negra: perfil de pessoas em situação de rua pode colaborar para omissão do Estado. PORTAL TERRA, 21 jun 2023. Disponível em: <https://www.terra.com.br/nos/opiniaolua-andrade/majoria-negra-perfil-de-pessoas-em-situacao-de-rua-pode-colaborar-para-omissao-do-stado,a00a7c7fbc0d4d6c892cfdd048b9a9f8qi0ziois.html>. Acesso em: 25 de out de 2023.

BRASIL, Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania – MDHC. População em situação de rua: Diagnósticos com base nos dados e informações disponíveis em registro administrativos e sistemas do Governo Federal.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. Resolução de nº. 466 de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial da União, v. 13, 2013.

BBC NEWS BRASIL. Juliano Moreira: o psiquiatra negro que revolucionou o tratamento de transtornos mentais no Brasil. BBC NEWS, 06 de jan de 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-55557894>. Acesso em: 25 de out de 2023.

BENEDITO, Maiara de S. A relação entre Psicologia e Racismo: as heranças da clínica psicológica. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CARNEIRO, Sueli. Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil. Selo Negro, 2015.

COLLINS, Patricia H; BILGE, Sirma. Interseccionalidade. Boitempo Editorial, 2021.

COMISSÃO DOS DIREITOS HUMANOS. Podcast Conselho Federal de Psicologia via aplicativo SPOTIFY. Abr de 2021. Podcast. Disponível em: [https://open.spotify.com/episode/7cNuGBbraP8eHrMlpvAWxB?si=DAEggqFmQbSxyQOI6ag6A&utm\\_source=whatsapp&utm\\_medium=whatsapp&\\_branch\\_match\\_id=1245724361786544898&\\_branch\\_referrer=H4sIAAAAAAAAAA8soKSkottLXLy7IL8IMq9TLyczL1jdxCffxyQ8xMXRJAgnGsAoIAAAAA%3D%3D&nd=1](https://open.spotify.com/episode/7cNuGBbraP8eHrMlpvAWxB?si=DAEggqFmQbSxyQOI6ag6A&utm_source=whatsapp&utm_medium=whatsapp&_branch_match_id=1245724361786544898&_branch_referrer=H4sIAAAAAAAAAA8soKSkottLXLy7IL8IMq9TLyczL1jdxCffxyQ8xMXRJAgnGsAoIAAAAA%3D%3D&nd=1). Acesso em: 25 de out de 2023.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Relações raciais: Referências técnicas para atuação de psicólogas/os. 2017 – 147 p.

CNN BRASIL. Racismo no futebol, caso Vinicius Junior. CNN, 22 de mai de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBdT2TzKA58>. Acesso em: 25 de out de 2023.

DAMASCENO, Marizete G; ZANELLO, Valeska M. L. Saúde mental e racismo contra negros: produção bibliográfica brasileira dos últimos quinze anos. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 38, p. 450-464, 2018.

DAVID, Emiliano de C; VICENTIN, Maria Cristina G. Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. Saúde em debate, v. 44, p. 264-277, 2021.

DE MELO RESENDE, Viviane; BERTHOLDO, Sinara. Racismo, mídia e futebol: efeitos do discurso antirracista no caso Vini Jr.

FAUSTINO, Deivison M. F. F: capitalismo, racismo e a sociogênese do colonialismo. *Ser Social*, v. 20, n. 42, p. 148-163, 2018.

FÉLIX-SILVA, Antonio V., *et al.* Psicologia da Diferença, Relações Raciais e Formação da (o) Psicóloga (o). *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 42, 2022.

G1, O portal de notícias da Globo. Ministro admite racismo no atendimento do SUS. G1, 26 de out de 2006. Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Brasil/0,,AA1326700-5598,00.html>. Acesso em: 25 de out de 2023.

GIL, Antonio Carlos., *et al.* Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

JESUS, Victor de. O CHEIRO DO RACISMO NA CULTURA POLÍTICO-AFETIVA HIGIENISTA BRASILEIRA: O SANEAMENTO DO CORPO-DEJETO. *Psicologia & Sociedade*, v. 34, p. e257400, 2023.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Orfeu Negro, 2019.

LORDE, Audre., *et al.* Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

MARCONI, Marina de A; LAKATOS, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. 2003

MELSERT, Ana Luísa de M; BOCK, Ana M. B. Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educação e Pesquisa*, v. 41, p. 773-789, 2015.

MOREIRA, A. No Brasil, hospitais psiquiátricos se tornam moradias por tempo indeterminado. BRASIL DE FATO, 18 de mai de 2019.

PSICOLOGIA E INTERSECCIONALIDADE. Mulher negra de 46 anos é resgatada de trabalho análogo a escravidão em Pato de Minas- MG. Spotify, set de 2020. Disponível em: <https://spotify.link/o4kznMGK8Db>. Acesso em: 25 de out de 2023.

RICHARDSON, Roberto J. *et al.* Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2012.

ROSA, Evellyn G. da; ALVES, Míriam Cristiane. Estilhaçando a máscara do silenciamento: movimentos de (re) existência de estudantes negros/negras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2021.

SALLES, Silvana. Enfrentar o racismo na medicina passa pelo acolhimento imediato das vítimas. *Jornal da USP*, 10 de jun de 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/diversidade/enfrentar-o-racismo-na-medicina-passa-pelo-acolhimento-imediato-das-vitimas/>. Acesso em: 25 de out de 2023.

SILVA, Alessandro S; EUZÉBIOS FILHO, Antonio. Poder, crise e insurgência no Brasil e o direito a ter direitos. *Psicologia USP*, v. 34, p. e210101, 2023.

SILVA, Fábio Henrique A. da; PAULA, Paula Ângela de F. Os impactos do racismo na subjetividade do jogador de futebol negro. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 40, 2021.

SERRA, Lia N; SCARCELLI, Ianni Régia. Por um sangue bandeirante: Pacheco e Silva, um entusiasta da teoria eugenista em São Paulo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, v. 17, p. 85-99, 2014.

SPINK, M. J., *et al.* A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas. 1 ed, pág.340. Rio de Janeiro, 2014.

TIK TOK. A Importância da representatividade negra no contexto escolar. TIK TOK, 28 de set de 2021. Acesso em:25 de out de 2023.

TIK TOK. Mulher negra de 46 anos é resgatada de trabalho análogo a escravidão em Pato de Minas- MG. TIK TOK, 2022. Disponível em: [https://www.tiktok.com/@rafael.trechos/video/7214850893278186758?\\_t=8gBomcXsphi&\\_r=1](https://www.tiktok.com/@rafael.trechos/video/7214850893278186758?_t=8gBomcXsphi&_r=1). Acesso em: 25 de out de 2023.

VAREJÃO, Adriana., *et al.* Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2020.

VEIGA, Lucas M. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, p. 244-248, 2019.